



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 6, v. 1 nov 2016.-abr. 2017

p. 125-153.

Amor e Política

Maria Gil¹

Miguel Bonneville²

RESUMO: Inspirados na máxima do feminismo radical dos anos setenta do século XX que proclamava que “o pessoal é político”, continuamos este ciclo de palestras-performance com uma nova criação desta vez dedicada aos temas: Amor e Política. Como é que podemos pensar politicamente o amor? Como é que podemos pensar um assunto que é normalmente visto como sendo algo do foro íntimo e privado de cada um? Que relação têm os afectos com a forma como nos organizamos socialmente e vivemos uns com os outros? E será a política algo a que voltamos apenas em ano de eleições? Como é que vivemos a política nas nossas vidas, na privacidade das nossas casas? Nesta palestra-performance, a dramaturgia constrói-se à volta de entrevistas realizadas a políticos pertencentes a partidos com representação parlamentar, independentes, e pessoas ligadas a movimentos sociais; bem como, entrevistas realizadas a ex-namorados, cartas de amor e fragmentos de diários pessoais.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia; Narrativa; Performance; Intimidade; Arte.

Abstract: Inspired by the 1970s radical feminism axiom, which claimed that "the personal is political," we continue this cycle of performance-lectures with a new creation this time dedicated to the themes: Love and Politics. How can we think politically love? How can we think of a subject that is usually seen as something intimate and private? What relation do affections have with the way we organize ourselves socially and the way we live with each other? And are politics something to which we come back to just in an election year? How do we live politics in our lives, in the privacy of our homes? In this lecture-performance, dramaturgy is built around interviews with politicians that belong to parties with parliamentary representation, independent politicians, and people linked to social movements; as well as interviews with old lovers, love letters and fragments of personal diaries.

Keywords: Autobiography; Narrative; Performance; Intimacy; Art.

Resumén: Inspirado por el axioma del feminismo radical de los setenta del siglo XX, que afirmaba que "lo personal es político", seguimos con este ciclo de conferencias-performance con una nueva creación, en esta ocasión dedicada a los temas: Amor y Política. ¿Cómo podemos pensar politicamente el amor? ¿Cómo podemos pensar en un tema que generalmente se ve como algo íntimo y algo privado de cada uno? ¿Qué relación tienen los afectos con la forma como nos organizamos y vivimos socialmente con los demás? Será la política algo a que regresamos justo en año electoral? Cómo es que vivimos la política en nuestras vidas, en la intimidad de nuestros hogares? En esta conferencia-performance, la dramaturgia se construye alrededor de entrevistas hechas a políticos pertenecientes a los partidos con representación parlamentaria, independientes, y personas vinculadas a los movimientos sociales; así como entrevistas con ex novios, cartas de amor y fragmentos de diarios personales.

Palabras clave: Autobiografía; Narrativa; Performance; Intimidad; Arte;

¹ (Lisboa, 1978): Licenciada em Formação de Actores/Encenadores pela ESTC de Lisboa (2003), mestre (MPhil) em Intimidade e Performances Autobiográficas pela Universidade de Glasgow (2009). Foi artista residente no Sítio das Artes, CAMJAP – Fundação Calouste Gulbenkian (2007). Foi professora de teatro durante oito anos no ensino básico, secundário e superior. Foi directora artística de Vissaium (2013), um espectáculo construído a partir do património arqueológico de Viseu e do projecto Raízes da Curiosidade (2014) que juntou artistas e neurocientistas num espectáculo e numa série de oficinas. Recebeu com o artista Miguel Bonneville, o prémio, Ex-Aequo (2015), pela criação da Palestra Performance Medo e Feminismos, uma produção do Teatro do Silêncio, associação da qual é fundadora e directora artística. joagil@hotmail.com

² (Porto, 1985) concluiu os cursos de 'Interpretação' na Academia Contemporânea do Espectáculo (2000-2003), 'Artes Visuais' na Fundação Calouste Gulbenkian (2006), 'Autobiografias, Histórias de Vida e Vidas de Artista' no CIES-ISCTE (2008), 'Arquivo – Organização e Manutenção' no Citeforma (2013) e 'Costurar ideias' na Magestil (2013). Foi artista residente no Sítio das Artes, CAMJAP - Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, 2007), Homesession (Barcelona, 2008), Mugatxoan - Fundação de Serralves (Porto, 2010), Festival Transeuropa2012 (Hildesheim, 2012), Arts Printing House (Vilnius, 2013), Arte y Desarrollo (Madrid, 2014) e Azala (Lasierra 2014). Recebeu o Prémio Ex Aequo (2015) pelas performances 'Medo e Feminismos' com Maria Gil, e 'A importância de ser Simone de Beauvoir'. office@miguebonneville.com

Recebido em 11/09/16

Aceito em 30/10/16

CARTA MARIA

Miguel,

O amor morreu.

Há um tira de banda desenhada em que o Snoopy diz ao Charlie Brown, “Já não há tempo para amar, Charlie Brown” e eu lembro-me de estar numa casa de pedra na Serra Guara perto dos Pirinéus espanhóis, e de um ex-amante me dizer que nós só estávamos ali porque tínhamos tempo, porque ele não trabalhava e porque eu era uma artista. E era a meio da tarde, a lareira estava acesa, o Milito, um *setter* irlandês olhava o dono com lealdade e carinho, enquanto ele gesticulava e me perguntava quantas pessoas é que eu achava que poderiam estar na cama àquela hora. Quantas pessoas? Em Espanha, em Portugal, no mundo. Quantas pessoas é que poderiam estar, a meio da tarde, numa cama com outra pessoa porque estavam enamoradas. Claro que para mim, naquela altura a resposta era óbvia, só nós, só nós é que poderíamos estar ali àquela hora. Éramos os únicos no mundo. Os amantes privilegiados. O mundo lá fora não me interessava.

O amor morreu porque como diz o Snoopy já não há tempo. Porque nos roubaram o tempo. Porque nos fizeram um horário igual ao de quando andávamos na escola, organizaram-nos a vida sem nos perguntarem nada. Horas de ir trabalhar, horas de ir comer, horas de tomar banho, horas de ir às compras, horas de arrumar a casa, horas de estar com a família, horas de estar com os amigos, horas de sair à noite, horas de fazer amor, horas de ir dormir. Organizaram-nos a vida, organizaram-nos os afectos e até nos organizaram o corpo.

Pergunta lá à mulher que limpa o metro, que passa o dia inteiro a fitar beatas se quando chega a casa vai namorar, pergunta-lhe se ela se vai deixar enfeitiçar pelo motorista do comboio que a fita com vontade, pergunta-lhe se ela vai aceitar o seu pedido para irem a uma sessão de cinema que custa mais do que ela ganha à hora. Fala-lhe da luxúria, do êxtase, da paixão, do *ménage à trois* intelectual, do amor lírico, da vontade cega. Pergunta-lhe se no amor enveredou pelo caminho da falta, se procura a sua cara metade na face das pessoas que passam por ela todos os dias de plataforma em plataforma, de estação em estação, ou se, pelo contrário, procura no amor uma certa transcendência, uma certa fuga a si mesma, uma forma de aniquilação do seu eu menor e mesquinho. Pergunta-lhe se ela vê no motorista que a engata à distância um Don Juan, um Batman, um Super-Homem ou até mesmo um Homem-Aranha. Pergunta-lhe se ela lhe pediu para ele ser o



seu Drácula, o seu Corto Maltese, Stanley Kowalski ou até mesmo o seu Luky Luke ou o seu Astrov. Ou se prefere que ele seja antes uma espécie de Romeu, uma Mariana Alcoforado, um Físico Prodigioso. Pergunta-lhe se ele lhe prometeu ser Otelo, Ethan Hunt, Judas ou Deus, Mário Cavaradossi, o Psicopata Americano ou Jean Valjean. E que fantasias reserva esta mulher para si mesma enquanto esvazia caixotes de lixo agarrados às paredes do metro que ficam junto aos ecrãs publicitários. O que é que ela vê? Imagens de um menino colegial, de um machão viril, de um calmo e inocente rapaz, de um predador incomensurável, de um minotauro, de um bebé, e será que ela crê que o seu motorista será capaz de ser tudo isto que ela deseja. Pergunta-lhe se ela vê na paixão cega uma “forma de dominar a morte, de deter o envelhecimento, de prelongar o prazer carnal como se um direito divino se tratasse”. Pergunta-lhe e vais ver se ela não te responde que não é por acaso que Eros é filho da pobreza e que por causa disso estará sempre em falta, sempre em falta para com os pobres. E se te fartares do olhar espantado dessa mulher preta que usa uma bata azul a dizer safira, e lhe quiseres arrancar um sorriso emocionado, fala-lhe do amor de mãe, esse lugar incondicional ao qual todos regressamos como cães, e se tiveres sorte, ela devolver-te-á um olhar compassivo, distante e cruel.

Lembra-te disto Miguel, «não há outro mundo, há simplesmente outra maneira de viver.»

Penso na mulher Safira, penso em mim própria, penso que só deixaremos de ser pobres a partir do momento em que nos começarmos a organizar, a partir do momento em que começarmos a agir em conjunto. Não se trata apenas de uma mudança de consciência, de lermos livros, não nos venham com a história de ir à escola, nem se trata de esperarmos por mais uma crise, já chega deste síndrome de Penélope que nos resigna como animais amestrados. O que nos falta é a percepção partilhada da mesma situação. É preciso destruir os aparelhos de sujeição social e afectiva que nos espartilham o tempo, que nos amarram a modelos de vida, modelos de amor, que nos escravizam vida após vida, de geração em geração. É preciso destruir, cortar, desabituar o corpo, a mente, até conseguirmos uma independência nas formas de vida que cada um escolheu, sonha e deseja.

Talvez nos possamos questionar sobre como chegámos até aqui, a este lugar em que se ergue uma barreira no coração e no cérebro, nós lemos, nós lutámos, nós conversámos, nós fizemos listas de medos, nós pensámos que a crise iria mudar as coisas, nós fomos a palestras, conversámos com os mortos, nós escrevemos cartas de amor, nós até tentámos ressuscitar os mortos, nós fomos à bruxa a Setúbal, limpámos o pó à lamparina de latão e pedimos desejos ao génio que acreditámos ver, procurámos técnicas alternativas para escutar o inconsciente, nós fugimos da normatividade, cada



um à sua maneira, essa normatividade patriarcal, heterossexual, dominadora, castradora e opressora que recusamos. Nós fizemos isto tudo Miguel, para quê?

Olho para trás, convoco o meu exército de amantes, é preciso um exército invencível, acredito que o amor conduz uma pessoa à acção, ergo-os um a um, exército de mutilados, dilacerados pela dimensão trágica da paixão amorosa a que ninguém consegue resistir: mágoas, lágrimas, uma intimidade perdida que amizade alguma poderá alcançar, rasgos de admiração, tristeza, nostalgia, ressabiamentos, laivos de rancor, tudo o que ficou por dizer, recuso-me a encará-los, ouço-os através de uma voz amiga, não os reconheço, não me revejo nos retratos que fazem da minha pessoa, tu dirás, depois do amor, a vingança, é a única coisa que fica.

Pois bem, do amor apaixonado ao desejo de descobrir o mundo através do outro, do amor egoísta e ideal, ao amor pelo exótico: o namorado escocês, o amante árabe. Do amor que visa uma continuação qualquer através da espécie ao o amor espelho, a alma gémea; Há de tudo neste meu exército de amantes. Guardei-os como santinhos, como qualquer coisa de muito valiosa que vai enchendo um armário sem fundo e que me serve de protecção nos dias húmidos e frios em Sintra. Descubro-os insurrectos, desprovidos de qualquer piedade, um rebelião de amantes. Acusam-me de ser autocrática, possessiva, mandona e arrogante para com o mundo lá fora. Só me apetece vendê-los no OLX.

Agora lembro-me. Quando era miúda, ouvia o meu pai dizer frequentemente, nesta casa mando eu, quando tiveres a tua casa mandas tu, mas enquanto viveres debaixo deste tecto fazes como eu quero. Depois lembro-me de ser sempre assim, de haver sempre alguém que mandava, alguém a quem era preciso obedecer, um pai, um adulto, um professor, um encenador, um director, um programador, um patrão, um presidente. Educaram-me para obedecer, disseram-me que só poderia ser livre se me submetesse. E agora falam-me em democracia? Em relações horizontais e não hierárquicas? Eu não sei nada sobre isso. Só sei mandar e obedecer. Todas as relações são relações de poder. Até no amor.

Quero falar com a mulher preta que todos os dias limpa o chão da baixa-chiado, quero convidá-la a não se levantar de manhã da próxima vez que fizerem greve de metro, convidá-la a ficar com alguém na cama em vez de apanhar os transportes alternativos da Rinchoa até ao Chiado. Quero dizer-lhe que nunca será demasiado tarde para reencontrarmos dentro de nós mesmas esta capacidade de sentirmos em conjunto, e que será isto que nos fará afrontar esse intolerável poder inimigo que se aloja fora e dentro de nós. Quero dizer-lhe que o amor também é uma coisa séria, que não há oposição entre o que é pessoal do que é político. Que precisamos de poder escolher o que fazemos com o nosso tempo. E se ela não pode ficar na cama, então vou convidá-la a vir até à



estação e a fazer amor com o seu motorista contra as carruagens paradas na plataforma, sem ordem de trabalhos, sem líder a conduzir a sessão.

Recuso um sistema que nos dá quotas, nos dá direitos, que não passam de mais instrumentos de controlo, queres abortar? Então vai lá à consulta, mas antes, tens de pagar. Depois vais ao psicólogo, falar com os médicos objectores de consciência e depois sim, podes abortar. Não queres? Se não queres apanha o avião ou compra os comprimidos no médico xpto que te dá o seu número de telefone pessoal, para ligares de onde quer que estejas no mundo. O estado democrático tem mãos de veludo.

Procuro formas materiais e simbólicas de destruir o estado, esse amante universal que funciona pelos mesmos princípios de dominação que se praticam no interior da casa-pai. E, claro, penso em Antígona, nessa mulher que se posiciona marginalmente em relação ao poder, à lei do estado, à ordem patriarcal. Porquê Miguel, porque é que Antígona tem de lutar contra o poder do estado, mas não luta contra o poder do pai, dos irmãos, a lei do sangue. E porque é que tem de ser punida no fim? As tragédias gregas têm de ser revistas, re-escritas. É muito inspirador usarmos t-shirts de revolucionárias mas de que é que serve se elas morrem sempre no fim, punidas pelo seu acto de resistência?

A tragédia tem de ser mesmo uma espécie de momento de clareza, uma verdade sobre a natureza humana. Antígona não precisa de escolher o suicídio, basta de reforçar negativamente qualquer oposição ao estado e ao patriarcado. Rescrevamos assim a tragédia: as mulheres da cidade de Tebas revoltam-se contra o facto de Antígona ter sido fechada na gruta para morrer e, comandadas por Ifigénia, sua irmã, que está arrependida de se ter sido uma sonsa e de se ter submetido à tirania do Rei Creonte, assassinam-no, a ele e ao seus soldados, fazendo justiça pelas próprias mãos. Hémon, o noivo feminista de Antígona vai buscá-la à gruta onde ela está, ainda viva porque decidiu não se enforcar. Antígona torna-se assim, rainha de Tebas.

Quero reapropriar de mim própria, da violência, da linguagem do corpo, da mercadoria, do saber e do tempo. Que a minha vida nunca foi realmente minha. Que nos dão a ilusão de podermos escolher um bocadinho no dia das eleições. E para quê?

Quero poder descobrir aquilo que ainda não sei que sou por estar reprimido.

Uma vez estava um senhor em casa da minha avó em Benfica, eu devia ter uns nove anos, nesse tempo a minha avó já era viúva, estavam os dois na cozinha e a certa altura eu ouço-o dizer, “Maria Cristina, case comigo, case comigo Maria Cristina!”. Lembro-me de pensar, que não era suposto



aquele senhor estar a dizer aquilo à minha avó. A minha avó não respondia, só ria, ria. Eu gostava quando a minha avó ria. Isso deixava-me feliz.

Não sei porque é que a minha avó nunca se casou com este senhor misterioso. Também nunca a ouvi falar de amor e duvido muito que algum dia ousasse abordar essa tema.

Mas penso muitas vezes naquele senhor, que de facto a deveria amar, penso naquela mulher, que aos dezassete anos é enviada de barco de Goa para Moçambique, que casou por correspondência com um homem que não conhecia e com quem se deu mal até à morte deste. Separada da família que poucas vezes viu ao longo a vida, sozinha, noutra continente que mais tarde é obrigada a deixar para vir para Portugal.

Era de facto uma pessoa de outro tempo.

E gosto de pensar que, se alguma vez lhe perguntasse se ela não tinha ficado triste por ter casado com uma pessoa por obrigação e nunca ter podido casar por amor, imagino-a a responder-me como aquela velha dama respondeu à sua neta, numa novela de Maupassant:

«Escuta bem menina, uma velha que viveu três gerações e que sabe muito, mesmo muito, sobre os homens e as mulheres. O casamento e o amor não têm nada a ver um com o outro. Casamos para fundar uma família e fundamos uma família para constituir a sociedade. A sociedade não pode existir sem o casamento. Se a sociedade for uma corrente, cada família é um elo. Para soldar estes elos, procuram-se sempre metais semelhantes. Quando nos casamos, é preciso unir as conveniências, combinar as fortunas, juntas as raças idênticas, trabalhar para o interesse comum que é a riqueza dos filhos. Só se casa uma vez, menina, e porque o mundo o exige; mas pode-se amar vinte vezes na vida, porque a natureza nos fez assim. O casamento! É uma lei, percebes, e o amor é um instinto que nos puxa umas vezes para a direita outras vezes para a esquerda...»

Já em casa da minha mãe há uma azulejo que diz assim: “La medida del amor es amar sin medida”.

Os azulejos e a pedagogia amorosa. Afinal de contas, como é que nos educam a amar?

Lembro-me das saias compridas da minha mãe e dos vestidos hippies dos anos setenta. Das tranças e do cheiro da pele do casaco de cabedal. Canções Flower Power e a sombra de Ginsberg na praia da Fonte da Telha. Aprendi cedo a viver com a contradição desta época, “É Proibido Proibir” contra os pedidos a apontarem o charro, “Quando a Avó vier cá, não fales disto, está bem?”. Ausências da



mãe em lua de mel na Índia, talvez em busca de uma nova forma amorosa e familiar, não fundada no casamento de razão, mas na invenção do amor e da união livre. Postais 3D com pores-do-sol psicadélicos, palmeiras envolvidas em fumo de haxixe e tudo sempre tão distante, tão distante do mundo da escola, do mundo da rua, tão distante dos vestidos e dos soutiens que a avó costurava para não gastar na modista. Nas estantes da casa alinhava-se a propaganda: “Astrologia Sexual Ilustrada”, “Os Ovni na Época Contemporânea” e o meu primeiro livro de desenhar, “As Palavras”, de Jean Paul Sartre. Para não falar das revistas do mundo que um amigo jornalista fazia questão de deixar lá em casa: a edição francesa da Geo, a National Geographic e outras revistas que mostravam esse mundo remoto que a mãe idealizava alcançar.

Depois, o constrangimento que eu sentia sempre que, em jantares de família, a mãe pedia para ler um poema, a trovoada sentimental que isso significava. Quem é que lê “É Urgente o Amor” num jantar de família? Quem é que lê, “Eu quero amar, amar perdidamente!” depois de um caril de frango? A choradeira final, o nem sequer conseguir acabar de ler o poema até ao fim, o embaraço dos outros, sobretudo os tios de fato e gravata que nem sabiam falar de si mesmos quanto mais levar com o tijolo avassalador da poesia na cabeça. O olhar dos meus primos, espantados, com a loucura de alguém que rasga à faca a paz podre do ambiente familiar.

Ainda não perguntei à mãe onde é que ela está no amor, ao contrário da avó, sei que me vai querer responder. Depois de dois divórcios por iniciativa própria, o último aos cinquenta anos num grito que parecia dizer, “não, não vamos viver infelizes para sempre”, o azulejo ainda lá está, acrescentou apenas na parede da sala aquela frase de Neruda, “Hoy es hoy. Ayer se fue. No hay dudas”, sempre visível do sofá, não vá alguém se esquecer dela.

Antecipo o que me irá dizer, que já não há homens sedentários, com tempo para um amor de sentimentos, nimbados de filosofia... Vai certamente culpar o tempo em que vivemos como o grande responsável pelo declínio do romantismo, jamais admitindo que as ideologias que abraçou a deixaram na mão, porque veio tudo de fora, foi tudo importado, colado a cuspo, e depois rapidamente absorvido pelo sistema capitalista que transformou os seus ideais em modas outono-inverno.

De que é que lhe valeu casar por amor? De que é que lhe valeu ser uma “mulher moderna”, que quis ganhar a vida não se apegando à carreira para ter tempo para um ou dois filhos? Desde Durkheim que se sabe que o casamento prejudica as mulheres e beneficia os homens. Que a vida conjugal tem sempre um custo social e cultural para as mulheres. Que os filhos são uma prisão e a amamentação uma escravatura que ninguém tem a coragem de denunciar com medo de passar de mãe a madrasta.



Com medo que alguém nos acuse de que há algo de errado connosco, que somos individualistas, egoístas, uns monstros anti-natura. Que só pensamos assim porque estamos sozinhas, ou porque ainda não encontramos o tal, ou porque o relógio biológico ainda não tocou, ou porque somos umas mal fodidas.

No outro dia perguntaram-me assim, então e quando é que tens filhos? A verdadeira luta é contra a invocação constante do instinto maternal, o amor incondicional a que só a mulher pode aceder.

Olho para trás, avó e mãe, dois mundos opostos, cada uma reagiu como pôde ao seu tempo, isso quer dizer que chegou a minha vez? Será que a minha emancipação acontecerá através da infecundidade voluntária, Miguel?

Penso neste corpo, na sua possibilidade de gerar vida. Penso nas consequências que advirão de me libertar da carga que é ter um filho, ou então penso nas consequências de não usar toda a potência do meu corpo. O que é que estarei a perder?

Porque é que não nos deixam ao menos pensar nisto com calma? Porque é que a maior parte dos pais não sabe porque é que faz um filho? E porque é que os filhos têm sempre de ser feitos por amor, aborrecimento, medo da morte, medo que seja tarde de mais.

Aconteça ou que acontecer não me venham com a conversa da experiência biológica da mulher, com a exaltação da menstruação, da gravidez e do parto. Não me digam que a vulva se tornou a metonímia da mulher. Que é preciso reivindicar a nossa diferença identitária e fazer dela uma arma política e moral.

Prefiro mil vezes Simone de Beauvoir que só via na maternidade uma fonte milenar de opressão. Não ressuscitem essa ideologia esquecida: o naturalismo, com as suas sereias a sussurrarem palavras como “essência”, “instinto”, “reconciliação com a nossa mãe natureza”, “bonding”, “doula”. Nem me venham com cientismos, os nomes das hormonas da maternidade, oxitocina e os estudos da sua receptividade no cérebro. E muito menos, não me falem de médicas em Cascais que te contam a história do teu útero por quatrocentos euros a consulta.

Andámos tanto, avó, mãe e eu, para chegarmos até aqui, e vemos que os argumentos culpabilizantes pouco mudaram: convencer as mães a dedicar-se inteiramente aos filhos, a amamentá-los, a cuidar deles, e a educá-los, que disso depende a sobrevivência e a felicidade da “nossa” família, da “nossa” sociedade, o poder da “nossa” nação reside nos “nossos” úteros.



E apaixonamo-nos para chegar até aqui? É isso, Miguel?

Então como no soneto de Shakespeare é preciso dizer, Amor Não É Amor.

Regresso à mulher preta com a bata azul a dizer Safira, vejo-a do outro lado da plataforma na estação do metro da Baixa-Chiado, deambula pensativa com o seu carrinho de limpeza ignorando as pessoas à sua volta. Em que pensará?

Pergunto-me se para ela ter filhos é uma prioridade, ou se prefere primeiro assegurar a sua independência financeira. Pergunto-me se já encontrou o companheiro desejado para pai dos seus filhos ou se prefere aproveitar a vida antes de começar a procriar. Pergunto-me se ela vê um filho como um enriquecimento que completa uma vida bem preenchida, se está à espera de fazer um pouco de tudo para depois então, ser mãe. Ou, se contrariamente a tudo isto, colocou o seu ventre em greve ambicionando que mais e mais mulheres adiram a este protesto silencioso e terrífico que ela congemma enquanto conduz o seu carrinho de limpezas.

E se um dia os pobres deixarem de parir? Pensa nisto Miguel.

Já sabes o que nos vão dizer Miguel, que estamos a exagerar, que eu não passo de lumpemproletariado e tu de um burguês infeliz, que insistimos à força em nos colocarmos à margem recusando uma reconciliação com mundo. Miguel, lembra-te disto: um artista é uma espécie de xamã que sacraliza a relação do mundo de cada um, com todos os mundos.

Perguntas-me como é que eu idealizo o amor?

Aos 8 anos, e durante muito tempo, embora secretamente, eu desejava Indiana Jones, ele era o homem aventureiro, viajante, apaixonado pelo exótico, culto qb, pelo qual eu sonhava apaixonar-me um dia. Mas rapidamente percebi que eu não desejava apaixonar-me por alguém assim, que o que eu queria era ser assim, eu queria ser Indiana Jones. É óbvio que eu não queria ser a rapariga de vestido branco e cabelos encaracolados que afastava uma cobra distraidamente porque pensava que era uma tromba de elefante, a rapariga que gritava quando entrava na gruta que estava cheia de escorpiões, a que se queixava do pó e que desmaiava porque lhe serviam miolos de macaco como sobremesa. Claro que aprendi a imitar esses papéis, e outros a seguir que me diziam inconscientemente que era assim que uma mulher deveria representar. Mas o que eu realmente desejava era ser Indiana Jones, Dom Quixote, Hamlet, Sherlock Homes, até o Diabo de Gil Vicente



eu quis ser (na escola não me deixaram, fiz de anjo). Eu desejava ser sujeito, ter consciência de mim mesma, dar-me a mim própria todos os mundos possíveis.

Depois, na adolescência, e durante muito tempo idealizei o amor através da literatura, vivia em constante delírio, parece que tinha feito um pacto com o sobrenatural. Ia e vinha da escola sempre em modo “A Insustentável Leveza do Ser”, “Os Maias”, “A Morgadinha dos Canaviais”. Proust dizia, “Eu não desejo uma mulher, eu desejo também uma paisagem envolta nessa mulher”. E era isso que eu amava, todo o imaginário que os livros me proporcionavam. E a coisa foi piorando até ao dia em que, influenciada pela minha professora de português, comecei a acreditar que era a alma gémea de Fernando Pessoa. Adoecei, e quando recuperei voltei-me para a realidade, acho que é próprio daqueles que são delicados e frágeis o serem terra-à-terra, porque isso nos dá a impressão de estarmos mais protegidos. A realidade protege mais do que os sonhos, do que as coisas imaginárias.

A primeira pessoa por quem me apaixonei foi pela minha amiga Lúcia. A amizade sempre foi para mim a forma mais livre de viver o amor. Depois vieram os namorados, esse exército que comandeie até ao dia em que já não precisava de nenhum soldado que me ajudasse a fugir de casa pela janela, de ninguém que viajasse comigo até ao fim do mundo. Libertei-me da pressão de ter de justificar a minha existência através dos meus relacionamentos. Apesar de tudo, acho que caí muitas vezes na falácia de confundir controlo e afecto com amor. Mascarei o que sentia como sendo “amor” sabendo que esse “amor” não passava de um desejo disfarçado de manipular os outros. Era insegura em relação a mim mesma. Amava para ver validado o meu próprio valor. É a velha história do controlo e do domínio, e a também velha lição de que sem amor próprio não pode haver amor.

Por outro lado, as minhas relações foram sempre uma espécie de experiências de laboratório, aproximações ao enigma... eu procurava a chave do enigma que é o pai.

Só se pode amar aquilo que nos falta, não é o que nos estão sempre a dizer?

Aprender e viver com esta falta, eis um dos maiores desafios da minha vida.

Tento acreditar na ideia de que após um trauma há sempre uma pujança que pode ser fértil para a criação de um mundo que não existia.

Olho à minha volta, pergunto a uma amiga que vive no Dubai se não se arrepende de ter abandonado a sua carreira para ficar a cuidar das filhas enquanto o marido vai providenciando a subsistência da família. Diz-me que não, que tem consciência do mau exemplo que está a dar às



filhas, mas que alguém tinha ficar a tomar conta das crianças e como era o marido que ganhava mais... Conta-me que tem um grupo de amigas portuguesas no Dubai e que se reúnem sempre que os maridos estão fora ou quando os maridos regressam das viagens de negócio. Fala sempre em nós e nos nossos maridos.

E é nisto que o amor romântico se transforma?

Então, se na nossa sociedade, o amor foi resgatado por uma ideologia hegemónica que tem como base o casal monogâmico, heterossexual, orientado para a procriação, e em que a mulher renuncia à sua liberdade e à sua autonomia, como viver o amor, eis o meu grande dilema, Miguel?

Mais, andamos nós aqui a tentar aprender as lições do amor, a tentar viver uma vida plena, verdadeira, livre, para nos impingirem um modelo que mais não é do que uma forma de alimentar em nós mesmas a dependência. A educação sentimental das mulheres continua centrada fundamentalmente no discurso patriarcal e das virtudes próprias do sexo feminino, como o cuidar do outro e o sacrifício em nome do amor. Apesar das mudanças profundas conseguidas no século XX pelo movimento feminista, as mulheres, mais do que os homens, assumem ainda hoje o modelo do amor romântico que no faz ordenar a nossa biografia e a nossa história pessoal em torno da experiência amorosa.

Para mim tornou-se vital pensar e desmontar os mitos de amor através dos quais socializamos, precisamos de outros discursos que enfrentem o pensamento hegemónico. Quero construir um projecto alternativo para amar em liberdade, quero ter a liberdade de escolher como quero a mar as outras pessoas.

E porque é que isto não pode ser uma reivindicação política, se nos fará a todos uma comunidade mais feliz.

Regresso ao Snoopy, o Snoopy a dizer ao Charlie Brown que já não há tempo para amar. A experiência é cada vez mais rara, tudo o que se passa, passa-se demasiado depressa. O próprio tempo é usado como mercadoria, como um valor. Não temos tempo ou não queremos ter tempo? Já não sei responder. E por causa disto, porque estamos sempre em movimento, estamos sempre a ser mobilizados, não podemos

parar. E por não podemos parar já nada nos acontece, nem o amor.



Desculpa se sou demasiado pessimista, mas é preciso roer a corda que te tenta domesticar silenciosamente.

Olho para a linha da vida na palma da minha mão, identifico vida e morte, cimas e baixos, começos e fins. A outra luz, vejo outra dimensão, uma dimensão que procura uma certa transformação de si mesma.

É isso, não é Miguel, aquilo que procuramos, uma certa transformação de nós próprios, seja através da vida, do amor, da arte, uma transformação que se realiza no horizonte da morte, uma morte que é querida, desejada como verdadeira vida, como a única coisa que vale a pena viver, e, às vezes, como a única condição de possibilidade de todo o renascimento.

Então, se é preciso matar o amor para que ele possa renascer, ele que morra, aqui e agora, em praça pública.

CARTA MIGUEL

Maria,

há um sem número de coisas que te posso dizer sobre o amor; tudo provavelmente mal dito e desordenado. é um tema que não é um tema, é um terramoto. e eu, neste momento, sou pouco mais do que um rochedo, imóvel e imponente, e muito desgastado.

o que é que pode um rochedo dizer acerca do amor? presente-se de imediato nisto uma certa crispação e algum desencanto. um rochedo que foi sendo talhado pelo tempo. as suas formas são duras e incertas, entre a rudeza de um corte brusco e a suavidade de um polimento repetido.

comparei o amor ao acto de escrever um livro. sendo que os livros que escrevi foram sempre fragmentados, diários contraditórios, tentativas de chegar a uma verdade, e de a expor com alguma dignidade. são livros, mas poderiam ser relíquias. restos de alguma coisa que se adorou profundamente. experiências que definiram as angústias e, por isso, as transformaram em homenagens



a alguém que fui, mas que deixei de ser. os livros cristalizam, eu avanço. não para a frente, visto que não há frente, mas para o fundo.

e é do fundo que te escrevo agora, como se tivesse descido já muitos metros e já não soubesse que efeito tem a luz no corpo e qual é a temperatura à superfície da terra. como se ainda se usassem velas para iluminar o caminho, ou melhor, como se me transformasse numa enorme toupeira, que em vez de cavar galerias porque está apaixonada, o faz porque não há forma de se apaixonar. uma toupeira empenhada no seu dramatismo, que é o que lhe resta para se sentir viva.

Família

uma das galerias à qual regresso continuamente é o quarto da infância - da infância prolongada que ainda hoje revisito. esse quarto que guarda todas as memórias tanto do amor familiar como do amor da puberdade e quase todos os que se seguiram. é um lugar de passagem obrigatória, como se pudesse revelar muito mais do que aquilo que eu alguma vez poderei dizer sobre mim. um quarto de desejos e de castigos. um quarto de inúmeras descobertas e de outras tantas frustrações.

o quarto no qual parti um dente por me armar em super-herói, o quarto no qual fui colocado em cima do armário como castigo de não sei que impropério, o quarto onde exibi timidamente os meus órgãos sexuais, onde perdi a virgindade (voluntariamente). um refúgio e um potenciador de medo.

nesse quarto fui solidificando as primeiras relações. amei a minha mãe, amei o meu irmão, amei a té – a quem poderia chamar ama, na verdade, mas que sempre foi muito mais do que isso -, mas não sei se amei verdadeiramente o meu pai. quando o amor é ensinado como obrigação transforma-se apenas numa aprendizagem oca. cumpre-se como outra coisa qualquer, mas sem afecto. hoje consigo comover-me com o meu pai, mas acho que essa comoção é fruto de uma nostalgia do que poderia ter sido um amor real, recíproco. comovo-me porque não aconteceu.

eu não tinha que amar nenhuma destas pessoas; os laços de sangue não são uma desculpa suficientemente forte para despertar em mim esse tipo de afecto. amo-as porque nos modificámos uns aos outros na procura da perfeição, sem que isso exigisse uma submissão total da personalidade às vontades de cada um. aprendemos a conhecer-nos e, por isso, a melhorar as nossas relações. não estou a dizer que foram isentas de conflitos, estou a dizer que o ultrapassar desses conflitos fez de nós uma espécie de matilha, na qual as cumplicidades se constroem e se trocam em múltiplas direcções. criou-



se um sentido de protecção que se sobrepôs a qualquer laivo de crueldade. sabemos que a vileza não ultrapassa os limites do respeito, e é isso que nos mantém confiantes nesta união.

eu não experienciei, como o meu irmão, uma dinâmica efervescente, um interesse vivo pela convivência familiar. os meus avós paternos estavam mortos, os meus avós maternos separados, não tinha primos da minha idade, e pouco tempo depois do meu nascimento os meus pais separaram-se. a família era isto: uma sucessão de desastres. eu não era especial, era apenas mais uma criança isolada da sua geração, entregue ao cuidado de adultos cujas emoções estavam, em grande parte, em ruínas.

tento recordar-me dos papéis de cada um, ir buscar à memória um conjunto de informações que são sempre distorcidas pelo tempo.

da minha mãe sempre senti um amor incondicional, às vezes quase patético por ser tão sentimental. o excesso de emoção tornou-se sinonimo de fraqueza, apesar de, ao mesmo tempo, ser essa a sua maior força. tal como com a honestidade, que é o seu maior defeito e a sua maior virtude. o facto de se deixar entrar numa passividade típica do segundo sexo, na qual a mulher se cala e se isola para chorar, dando primazia e razão às leis do macho, punha-me num lugar de vítima sem direito a advogado. todos tínhamos simplesmente que obedecer às regras do homem – esse homem imaturo e culpado que, mesmo não vivendo debaixo do mesmo tecto, continuava a reinar e a fazer pleno uso do seu mandato.

o seu amor incondicional era necessário para compensar os destroços e para acalmar o medo, mas deveria ter sido mais assertivo quando se tratava de proteger-nos da tirania rancorosa daquele homem que culpava o mundo pela destruição da sua própria vida, tendo sido ele, na verdade, o grande culpado desse feito.

o amor do meu pai era totalitário. tinha que me sujeitar às suas regras, tinha que amá-lo porque era meu pai, tinha que seguir as suas regras para poder ser amado por ele. se as nossas vontades não coincidissem – e era verdadeiramente muito raro que isso acontecesse -, ele impunha a sua sem que houvesse a menor hipótese de a recusar. criei mecanismos de alienação para escapar à violência de não poder ter opinião. o respeito que ele queria impor foi substituído pelo medo, a amizade substituída pela displicência, pela falta de interesse, e o amor foi substituído por uma enorme mágoa, também ela escondida e, por isso, tornada raiva.



o meu irmão oscilava entre ser inexistente, cúmplice e carrasco. era, por isso, um amor mutante que ia do ódio à admiração, passando por uma falsa rivalidade, e que se foi definindo com a maturidade de cada um, sedimentando uma cumplicidade absolutamente ácida face ao mundo, na qual o riso sacode os infortúnios e escarnece de todos dogmas que se consideram profundos. foi um amor que se aproveitou da minha sensibilidade para lhe dar espessura e lhe moldar o gosto.

a té, a minha segunda mãe – vamos oficialmente chamar-lhe assim –, era realmente a única que me ouvia. ou seja, era a única para quem eu existia realmente, com direito aos meus sentimentos e à minha inteligência. não exigia de mim que interpretasse o fantoche; aquele que tem que aprender como se faz, imitando uma ideia da realidade. para ela eu não era o despontar de um futuro adulto, eu era o que era – uma pessoa com vontades e opiniões próprias. sem mais.

foi talvez a única que não teve que ser conquistada à força. e é muito provável que seja de um amor assim que eu preciso – o amor de alguém que acredite e que simplesmente saiba ver e ouvir, que é o que podemos chamar racionalmente de intuição.

este é o núcleo da minha primeira formação amorosa, desse amor dependente que é o da família. não é uma descrição particularmente saudável, mas não será também das piores.

há quem já tenha afirmado que eu sou um cínico. e talvez o seja. porque é muito provável que tenha sido esse cinismo que me permitiu ter sobrevivido; esse fazer de conta tímido que mostra alguma simpatia apenas para não ser trucidado e deixado a morrer à fome. é simples, se não posso ser amado pelo que sou, tenho que aprender a jogar o jogo enquanto dependo dos outros para sobreviver.

a minha tia dizia que eu só me interessava por dinheiro e comparava-me, claro, ao meu irmão, que se encontrava no extremo oposto da ganância. as comparações são o cúmulo da injustiça e podem transformar as crianças em verdadeiros monstros. eu sabia que o dinheiro era a única forma de me tornar independente e essa era a minha maior vontade, sair dessa clausura, desse ambiente viciado que é uma tortura que não acaba: a família, o lugar da criação da loucura por excelência.

detesto tudo o que é hereditário – até as convicções políticas. como é que não nos questionamos acerca do lugar de onde vimos, do contexto em que somos colocados e que está fora do nosso alcance controlar? somos encarreirados como carneiros, levados a aceitar e a absorver os ensinamentos de uma classe, de uma religião, de uma determinada visão do mundo.



é através de artimanhas que nos ensinam a amar. por cópia, por valores religiosos, mas não espirituais. os pais não nos ensinam a amar, nem nos ensinam o que é o amor, praticam-no e é da nossa responsabilidade apreender os seus truques.

à falta de amor paterno, copieei o amor materno – um amor altruísta que, por pôr o amor próprio em segundo plano, se autodestrói. o outro, ao mesmo tempo que se sente elogiado, despreza um amor assim porque é um amor praticamente cego, serviçal.

o amor que nos é ensinado através da religião católica é um amor abstracto. é um conjunto disperso de informações passado por uma catequista que achamos ingénua, pouco instruída e ligeiramente boçal. é uma forma aborrecida de passar o tempo. é um ensinamento que não tem qualquer repercussão real, porque o conhecimento científico foi substituindo a ignorância eclesiástica e porque a religião deixou de ser uma versão de governo. agora o governo é outro, e deus foi substituído pelo capital.

o que é que há nos monólogos de um padre que impede a distração de intervir? dessa religião resta apenas uma orientação moral e um conforto antiquados. o ensinamento do amor cristão é monótono e desadequado. e é um amor que se adia, porque na verdade estamos mesmo sempre a amar o próximo.

proveitei-me da imagem dos meus pais para, através da arte, pô-los a fazer o que me parece que deveriam ter feito. através dessas imagens fiz com que a história fosse reescrita. o meu amor é uma correcção de uma realidade imperfeita. o meu amor é uma redenção, é perdoar o imperdoável, é aceitar as limitações de dois desconhecidos. na verdade não sei quem foram a minha mãe e o meu pai. posso intuir algumas coisas, tentar reconstituir as suas histórias, mas a minha visão será sempre parcial e influenciada por eu ser o seu filho e eles serem os meus pais.

o casamento acabou em farsa, e ambos foram desmascarados. um continuou à procura do amor, o outro desistiu de o procurar. um dia hei-de saber que ideia têm essas duas pessoas do que é o amor e do que é amar. e talvez então consiga compreender as consequências. tenho a sensação de que a história se repete, as consequências é que se alteram.

de qualquer das formas, continuo a inspirar medo àqueles que não me souberam amar como eu precisei de ser amado. é o medo do imprevisto, o medo do desconhecido; quem era afinal essa criança que escondia segredos terríveis e parecia saber mais da vida do que toda a gente? quem era essa criança que desprezava a falta de maturidade dos pais, que os achava incapazes de cuidar de si



mesmos e, conseqüentemente, incapazes de cuidar daqueles que puseram no mundo? quem era essa criança que guardava uma personalidade diferente para cada adulto, como método de sobrevivência?

só quando somos amados podemos ter a certeza de que não nos vão desprezar. mas essa criança vivia na contradição de se anular para que a amassem, ao mesmo tempo que se batia para poder ser amada ou detestada por ser quem era. tinha que saber convencer os outros de que merecia ser amada, de que era boa, ou seja, que era aquela criança que os outros desejavam que ela fosse. mas ela sabia que isso era desprezível, que lutava pelo amor de uns bufões ignorantes, e essa era a primeira grande injustiça.

Relações Amorosas

essa galeria, a da infância, prolongou-se quase até ao fim da adolescência, e assistiu às minhas múltiplas formas de amar os outros, já fora da corte familiar. amei timidamente, amei sofregamente, doentamente, dependentemente, indiscriminadamente, incondicionalmente, dedicadamente, ponderadamente.

nessa sequencia, tenho a ideia de que foi sendo feito um aperfeiçoamento do amor. ou seja, o meu amor pelos outros foi-se tornando mais numa dádiva e, conseqüentemente, menos numa antropofagia emocional, à medida que o meu ódio por mim mesmo se foi dissipando. ninguém me ensinou que eu deveria guardar algum amor por mim mesmo.

reinava em mim uma espécie de desprezo por me rebaixar a essa representação da criança boa. era como se o meu público não merecesse a minha actuação. os seus aplausos eram uma desilusão porque eu sabia que os enganava e porque me enojava o facto de os saber tão pouco exigentes. se fossem mais inteligentes, acusar-me-iam justamente de ser um actor fraudulento. *faz o que nós queremos ver e ficaremos contentes*, era o que me diziam. e eu não queria lidar com esse tipo de mediocridade, não queria trocar aplausos por mentiras. e é por isso que tenho sempre um ajuste de contas a fazer.

a consciência daquilo que eu sou, e não daquilo que eu achava que eu era, ou ainda daquilo que eu achava que eu deveria ser, permitiu-me perceber que o amor é uma partilha de dádivas.

a consciência daquilo que eu sou fez-me compreender que eu não era assim tão detestável, apesar de reconhecer em mim ainda alguns desses resquícios. e o facto de eu não ser detestável tornou possível



que deixasse de achar os outros tão medíocres. afinal não era preciso mentir para que me amassem – embora isso não fosse totalmente assim.

quem é que nos ama quando somos exactamente o que somos, sem mais? quem é que nos aceita irremediavelmente como somos? uma parte do que somos é sempre mentira; viver em verdade total significa que não se pode viver acompanhado.

então as dádivas que partilhamos são os momentos de verdade ou são os momentos de falsidade, nos quais criamos uma ilusão, para fazer o outro feliz? qual dos sacrifícios é que temos que escolher?

invertendo a perspectiva, o amor é então uma partilha de sacrifícios. oferecemos uns aos outros renúncias voluntárias do que nos é precioso por acreditarmos num bem maior, num bem comum. é, portanto, um amor democrático. ou seja, alguém fica sempre a perder.

como é que eu idealizo o amor? idealizo-o através do olhar da infância, ou seja, fora dos limites da realidade. é um amor que procura sair do purgatório e que vai em direcção a uma utopia. é um amor que se alimenta dos valores imaginários; que reclama uma determinada arte; que acrescenta alguma coisa à natureza, que produz algo de belo, que exige talento. é o amor como arte e não como código. não sobrevive sem sentido de humor; é um amor que se ri do absurdo da vida. resumidamente, é um crime, porque exige cumplicidade e transgressão. e não há nenhum crime que não esteja envolto em mistério. talvez, por isso, o único amor que se aproxima da verdade é o dos amantes, visto que se alimenta do sigilo e do oculto.

se não há mistério, não há amor.

mas o mistério exige tempo, e são raros os que demonstram interesse e que se empenham em tentar desvendá-lo. tudo é oferecido e explicado antes do tempo. as regras já estão estabelecidas. estamos munidos de programas, sites, aplicações, que esclarecem os nossos gostos e as nossas preferências. o amor tornou-se pornografia, e a pornografia não permite o enigma. o amor tornou-se uma forma de provocação que procura um alívio rápido, transitório; é como ir às putas.

o que é feito à luz do dia, para todos verem e admirarem, é uma demonstração barata, não tem significado, não é original, é banalizado, é uma mímica. os amantes têm mais possibilidades.

os namorados, os maridos e as mulheres, andam de mãos dadas pelas ruas a tentar fazer-nos acreditar que essa representação do amor é real, é sólida e é correcta. o amor tornou-se imitação, um produto



industrial. nos amantes há tempo para as vidas de cada um fora dessa rotina do casal, não se torna instituição. há uma febre que acompanha esse amor dos amantes que não é irritante porque não tenta ser perfeito. é, na verdade, um escape aos ideais de perfeição. não será fortuitamente que utilizamos a palavra ‘caso’ tanto para as relações extraconjugais como para os acontecimentos de crime. cada um devia ter direito ao seu amante, com consentimento e com respeito.

não fui talhado para o amor domesticado que, tal como o pornográfico, é meramente utilitário. projecto-me no amor quimérico, que é impossível de ser vivido a não ser no sonho. é como disse lumiares a uma paiva: *tu queres viver uma paixão grandiosa e ninguém está interessado.*

mas o pior de tudo é o fastio; a falta de aventura é uma calamidade. é quase como se eu acreditasse que seria preferível que o meu amor se fixasse numa ficção e não numa realidade. só dessa forma o poderia rever, ter a certeza de que o tinha vivido, e assegurar-me de que não haveria nele qualquer mudança - a ficção é invariável.

na minha fábula não existiria medo - o medo que precede a entrega -, nem existiria ansiedade - a ansiedade que sucede a estabilidade. não haveria destruição, por palavras, daquilo que se tinha vivido (ou daquilo que se achou ter vivido). ninguém poderia destruir, nem desconstruir, um acto de amor. ninguém poderia dizer: não foi suficiente. nem: nunca te compreendi.

a estranheza – o não reconhecimento dos ex-apaixonados - estaria salvaguardada, longe de perigo, longe de ser exposta como um castigo. e o sexo seria vivido sem defeitos. as inseguranças, fatigadas, a um canto. os corpos plenos, vívidos, reunidos.

desejar é infinitamente mais satisfatório do que possuir. a concretização do sonho é uma bênção, mas nunca ultrapassa a plenitude do desejo. no sonho não há erro, nem espaço para a banalidade. aquilo que se torna realidade é sempre cru, palpável e, de certa forma, ordinário. com certeza que quando deus criou o mundo também se desiludiu.

e depois há a confiança, o sentimento crucial em qualquer tipo de relação amorosa. e que está inevitavelmente ligada ao ciúme. a confiança é uma espécie de coragem que assumimos, e que nos garante alguma segurança. no entanto, podemos confiar e mesmo assim deixar que o ciúme corra essa segurança. somos abalados pela ideia invejosa de que há outros que também podem viver o que nós vivemos, de que somos substituíveis, de que não somos suficientemente bonitos, ou



interessantes, ou especiais. o facto de sermos únicos não nos torna exclusivos. a exclusividade é uma forma de privilégio.

o ideal seria saber-me capaz de me afastar das ideias de possessividade e exclusividade. afastar-me da ideia hipócrita de que só há uma única pessoa no mundo para mim, e de que essa pessoa é capaz de incorporar e satisfazer todas as minhas necessidades relativamente ao amor. e que eu seria, reciprocamente, essa figura para a outra pessoa.

passamos a vida a ouvir que ainda não encontramos a pessoa certa. mas qual pessoa certa? certa para quê? para um determinado momento? para viver comigo, feliz, para o resto da vida? nós não somos princesas da disney. as pessoas vão sendo e deixando de ser “certas”. se é que alguma vez lhes poderemos chamar “certas”.

sinto que preciso de uma reeducação no que diz respeito às relações, porque as vejo demasiado rotuladas e contraídas, e porque me sinto sufocado dentro de um modelo que não vai de encontro às minhas necessidades. parece-me que esse é o primeiro passo a dar: perceber quais são as minhas necessidades e as minhas prioridades. que tipo de relação é que eu procuro ou que tipo de relações é que eu procuro? para mim sempre foi mais fácil decidir o que é que eu *não* quero e, dessa forma, ir percebendo o que é que quero; verificando por meio de experiências.

são muito curiosas as reacções, quando falo destas ideias com pessoas mais ou menos próximas. a ideia, por exemplo de uma relação a três, ou de relações poliamorosas. há três reacções principais: a primeira é descartar essas hipóteses porque é tudo muito bonito na teoria, mas na prática nunca dá resultado; a segunda é achar que não se seria capaz de viver uma relação desse género; a terceira é achar que já é tão complicado com uma pessoa, logo seria ainda mais complicado com mais pessoas.

bom, a mim parece-me que a monogamia também é muito bonita na teoria, mas que depois na prática também não dá resultado. depois, se não se experimentar ter outro tipo de relações, nunca se vai saber se somos ou não capazes de as viver. e, finalmente, as relações são *sempre* complicadas. uma pessoa, duas pessoas ou nenhuma pessoa - será sempre um problema. e porque é difícil vamos logo, à partida, descartar essa hipótese? essa é a primeira coisa que se põe em causa quando se entra para uma relação?

e porque é que temos esta tendência de pôr as relações amorosas antes das outras? porque essas *são* efectivamente as que se tornam prioritárias.



e ainda há a questão de sermos ou não capazes de amar mais do que uma pessoa de cada vez. o que é que muda nessas relações, por exemplo, comparando-as às da amizade? não temos o hábito de descartar os amigos porque só conseguimos gostar de um de cada vez. é o sexo que faz a diferença? ou seja, o que realmente importa é a exclusividade sexual? então é o sexo e a falta dele que define as nossas relações?

ou seja, no fundo, estamos a perpetuar um modelo cultural que se baseia na protecção da nossa imortalidade biológica. se o sexo é a causa das diferenças e da prioridade nas nossas relações, é porque aquilo que estamos a defender é a progenitura, é a nossa continuação no mundo através da nossa prole.

e é aqui que começam os problemas. é aqui que começa o grande moralismo. e é aqui que começa o policiamento. se a nossa prioridade é procriar, tudo o que não procrie é lixo. as crianças são lixo. os velhos são lixo. os homossexuais são lixo. as mulheres estéreis são lixo. as mulheres que abortam são lixo.

vivemos numa era em que se fala das consequências da sobrepopulação, no entanto continuamos preocupados em vigiar a vida daqueles que simplesmente não procriam. um dos grandes causadores de ódio e de violência no mundo provém do facto de haver gente que não procria. o controlo absurdo que existe sobre os nossos corpos provém do facto de haver gente que não procria.

talvez tenha sido por isso que deus aconselhou eua a não comer a maçã, porque ele já estava a prever este castigo. a tentação tornou-se vício; não um vício sexual, mas um vício reprodutor.

estas exclusividades, sexual e social, são uma forma de organização da família – a fêmea quer assegurar-se de que o macho garante as provisões necessárias, e o macho quer assegurar-se de que o seu filho é seu e não de outro qualquer. resumimos as relações a isto: genes e abastecimento.

então schopenhauer tinha razão, o amor é um stratagema que serve para proteger um instinto egoísta e evolucionista. o amor é a construção que procura qualidade mais do que quantidade. é aquele que decide o que é bom, o que é o melhor para o futuro. é aquele que nos dá as instruções para melhorarmos a espécie.

se eu acho que sou um melhoramento dos meus pais? acho que sim, que sou. mas nada me garante que isso não seja um mero acaso - para além de ser arrogante -, e nada me garante que o rebento que eu possa produzir irá ser melhor do que eu. a família vive dos sacrifícios que faz para a geração vindoura ter uma vida melhor. mas sacrificarmo-nos pelo bem estar da próxima geração é uma abnegação perpétua da própria vida. o que eu quero garantir é que eu vou tentar ser a melhor versão de mim mesmo possível. e que é essa consciência e esse esforço que eu quero deixar como herança.



essa é a figura do autor, essa é a *herança* do autor. a arte é uma maneira de deixar a herança. os corpos são a forma temporária onde se podem manifestar as ideias. e esperar que estas germinem, que produzam um efeito, que tenham seguidores. ninguém quer saber dos filhos do Platão - até porque nem se sabe se os teve ou não. as ideias são a única coisa que perdura no tempo.

percebo muito bem a repulsa que a Simone de Beauvoir sentia em relação à ideia de ter filhos; quando nos apercebemos da vulgaridade do nosso instinto, só nos apetece fugir dele. e, na verdade, isso dá-me um certo prazer. há uma superioridade qualquer que se instala, e um certo desprezo, por assistirmos à incapacidade dos demais de fugir aos seus instintos mais primários. é como se, de repente, fôssemos de uma casta superior. como se disséssemos, triunfantes: afinal, a desgraçada raça infértil e pútrida é a detentora da lucidez e da sensatez. somos nós que estamos a preparar o futuro para as vossas criancinhas.

estamos cada vez mais próximos de gerar filhos sem a necessidade da intervenção sexual dos seres humanos. e isso, espero, mudará tudo. alguns dirão que é anti-natura. mas a água canalizada ou a internet também são anti-natura e ninguém parece queixar-se disso.

tendo em conta esta ideia do amor como estratégia para a nossa sobrevivência, onde é que fica o conceito de amor universal? parece-me que o amor não é aquilo que une os seres humanos, mas sim a vingança. eu vingo-me, escolhendo não ter filhos, por ter sido maltratado pela sociedade e, por isso, ter passado a acreditar que o mundo é um lugar de sofrimento, e a sociedade vingasse de mim, maltratando-me, porque eu não vou contribuir para a imortalidade da espécie.

mas os filhos são uma mera ilusão da imortalidade porque, na verdade, nada é imortal.

então, é a cultura que intensifica a nossa natureza ou é a nossa natureza que influencia determinadamente a nossa cultura? afinal o macho, hoje, já não precisa de assegurar as provisões e, facilmente, através de testes de ADN se descobre quem é filho de quem. no entanto, as monogâmias e as suas famílias têm que continuar a funcionar. para quê? para manter organizada a sociedade? por medo de que as pessoas parem de procriar? para que se continue avidamente a consumir?

porque aquilo que nos é vendido, mantém esses papéis do macho e da fêmea primitivos como ideais cegamente a seguir. há uma separação muito clara entre uns e outros - como, por exemplo, as canetas *bic for her* vêm demonstrar. o amor deixou de ser de natureza espiritual e passou a ser propaganda. o



amor é uma imitação da publicidade; é comprar roupa na h&m e ir passar o fim de semana a benidorm. já não se ama, consome-se.

a economia veio substituir a religião, é ela que nos castiga severamente se não cumprimos as suas leis, se erramos, se não contribuímos para a sua prosperidade. a diferença é que neste sistema ninguém quer que estudemos economia como queriam que tivéssemos estudado a bíblia. e a diferença é que sem a religião, a dimensão espiritual da vida está morta. e por isso é que está toda a gente morta, a querer mascarar-se de modelos de anúncios medíocres que inventam felicidades enganosas. e por isso é que, como tu dizes, maria, *o amor morreu*.

Orientação Sexual / Identidade de Género

há um certo reconforto em finalmente incorporar o papel que me designaram; é agradável aceitar o mal. poder bater com um talher, delicadamente, no copo de cristal, e propor um brinde: mãe, pai, eis-me; o fim da raça. brindemos!

há vários motivos pelos quais eu não procedo nos interesses da espécie. não faz nenhum sentido seguir um modelo que não faz sentido nenhum para mim. e isso está inevitavelmente ligado à minha orientação sexual. mas também *isso* é preciso desconstruir, visto que a minha homossexualidade é uma simplificação social. ou seja, eu identifico-me como transgénero, o que significa que não me identifico com a identidade de género que me foi atribuída à nascença; ou seja, não me identifico com o género masculino. mas também não me identifico com o género feminino. identifico-me com um género que não tem uma definição evidente. e isto faz com que o termo homossexual seja problemático, visto que não me sinto masculino ou feminino. mas como me apresento de uma forma bastante tradicional – eu diria até que quanto mais preciso e escrupuloso sou em relação à minha identidade, mais me apresento, aparentemente, de uma forma tradicional, clássica -, os outros assumem que eu sou um homem, do género masculino, que é homossexual.

foi no confronto com a normatividade que percebi *realmente* que eu já pertencia a um género definido, que isso tinha sido decidido sem o meu consentimento, e que esse género pressupunha que eu agisse socialmente de acordo com ele. eu tinha nove anos quando isso aconteceu. foi um choque. e este confronto não aconteceu porque alguém me disse que alguma coisa estava errada, mas porque eu percebi que era “errado” porque tudo o que não coubesse dentro dos rótulos *heterossexualidade* e



monogamia era socialmente inexistente. até aí nunca ninguém me tinha dito, que eu me lembre, que ser-se homossexual estava errado. eu soube que era “errado” porque percebi que era diferente, porque ninguém falava sobre isso. tudo o que saía da norma era eliminado. e, de repente, eu descobri que era uma ameaça ao mundo “normal”.

mais, a minha homossexualidade ser uma simplificação social não significa que eu nunca tenha sentido desejo por uma mulher; significa que as mulheres que conheci, com quem me relacionei, e às quais dei a hipótese de me seduzirem, agiram de acordo com o seu papel – atribuíram-me a responsabilidade pela sedução e por todos os primeiros passos, como se vivêssemos dentro de um romance de trovadores ou cavaleiros. atribuíram-me o papel do macho conquistador, daquele que domina pela força e pela acção, daquele que é o futuro pai de família. o que vai à caça. mas com a vantagem de ser um homem moderno, mais sensível. o que me fez pensar que se calhar eu devia experimentar ver se aconteceria o mesmo numa relação com um homem. e o que aconteceu foi uma enorme confusão; e isso agradou-me. tenho a perfeita consciência de que posso seduzir tanto um homem como uma mulher, a questão é que nenhum dos dois me interessa quando são fruto de uma aprendizagem meramente serviçal, quando não há questionamento. é a instabilidade que me entusiasma. não a surpresa, mas o compromisso.

para além disso, a minha homossexualidade é uma simplificação social também porque onde vivo há uma enorme falta de imaginação. será que não podemos inventar as regras à medida que nos vamos conhecendo, em vez de entrarmos no amor já munidos de directivas? cada um exigirá um tempo diferente, uma disponibilidade diferente, uma aproximação ao mundo diferente, visto que somos sempre outros e nunca os mesmos.

“mas, miguel”, dir-me-às tu, “ninguém suporta a não significação. toda a catadupa de palavras que se inventam todos os dias serve para nos aproximar da significação das coisas.” e tens razão, é o medo do indescritível, do inexplicável. é o medo de que a sociedade se possa organizar de outra forma que não seja hierárquica, vertical. é uma traição ao modelo tradicional, ao código, à técnica. e quanto mais o traio, mais sou punido. eu materializo uma indefinição, ocupo um lugar real dentro da minha androginia utópica. o meu género é instável, e é assim que eu o quero, para já. gosto de beneficiar de uma identidade confusa.



Sexo

mas esta minha identidade anárquica - acho que lhe podemos chamar assim -, entra em conflito não só com as questões relativas ao género, mas também com as questões relativas ao sexo. estas constantes tentativas de simplificar identidades e orientações acabam por afectar, inevitavelmente, as relações sexuais. porque também aí se reduzem todas as possibilidades a apenas duas: ser activo ou passivo. ou seja, basicamente, mantêm-se as funções bem-comportadas do casal heterossexual que tem relações sexuais para procriar. é ver e viver o sexo como uma actividade puramente genital. é reduzir os corpos aos genitais. é reduzir o sexo à reprodução. é provar que a sexualidade continua a ser heterocentrada mesmo fora da heterossexualidade.

activo e passivo: é obsoleto. porque me parece que, na maioria dos casos, não se trata sequer de uma questão de gosto, mas de uma questão de preconceito. é a imitação de um papel, o que, mais uma vez, só demonstra falta de criatividade. e devo acrescentar que é *indigno* de um homossexual manter uma postura hetero-patriarcal; ninguém pode ir lá tocar, sequer, nos rabinhos dos senhores; estamos proibidos de erotizar aquilo que é o supremo do privado. isso seria a maior ameaça às actuais definições de poder. manter o que é privado, privado é mais uma forma compulsiva de mostrar a sua virilidade. o falo sobrepõe-se a tudo.

comigo, tudo correria às mil maravilhas se esses homens não sentissem, a certa altura, mesmo que inconscientemente, que eu tenho o dom de os emascular. com a minha ausência de rigidez no que diz respeito aos papéis e às funções, e com o assumir espontâneo da minha própria virilidade, encosto-os à parede. sentem-se ameaçados.

tenho tanto vontade de devorar como de ser devorado. e, ao contrário desses machos, tenho pouco medo da efeminação - pois não a considero, como é costume, uma fraqueza. tornar-se feminino será até o contrário da debilidade. é a cobardia que os torna fracos, lutando com todas as forças para se manterem varões, quando na verdade, no fundo, desejam acima de tudo que o desejo do outro seja tão violento que o torne capaz de transgredir todas as regras, todas as normas. só luta pelo poder quem deseja ser destronado. e é assim que se compara o sexo a uma guerra.

estou cansado que me digam que a forma como eu quero viver o sexo está errada porque não é evidente. o sexo, como o amor, para despertar interesse, deve ser polimorfo. categorizam-me como um terrorista sexual; eu aceito. o meu corpo é político. eu sou um ponto de fuga.



Casamento

há muito de desprezível nesta tentativa traiçoeira de beneficiar de uma estética para continuar a ser acolhido por um sistema. eu sei que a homofobia é muitíssimo violenta. mas mais violenta se torna se fizermos de conta que não é nada connosco. e mais violenta se torna se, em vez de atormentarmos esse mundo ‘normal’ através de uma luta incessante pela aceitação da diferença, nos encostamos aos seus ideais, àquilo que nos dizem ser o que é correcto.

caminhamos para um lugar que *parece* importar-se cada vez menos com quem é que vamos para cama e cada vez mais com a materialização de um contrato. estou a falar, claro, do casamento. parece que essa defesa fervorosa pelos mesmos direitos foi uma vitória. mas eu não vejo triunfo na adesão a um artefacto de controlo social usado pelo governo que recompensa uns e marginaliza outros. não me parece que as lutas que se têm travado até aqui tenham sido no sentido de entrar para dentro de um sistema injusto e hierarquizado, mas sim para o destruir. de repente parece que esta luta pela aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo se tornou numa espécie de alpinismo social.

em vez de nos perguntarmos *o que é que podemos fazer para dismantelar os modelos privilegiados*, perguntámo-nos *o que é que podemos fazer para sermos também privilegiados. já não queremos mais ser estigmatizados, então o que é que podemos fazer para sermos aceites? procuramos entrar na normalidade. tornamo-nos homossexuais bem comportados. reproduzimos e incorporamos os modelos razoáveis*. é continuar a manter as mãos longe dos rabinhos dos senhores, ou seja, a reforçar a ideia de propriedade privada, de protecção de bens, de herança, fortalecendo assim o nosso caridoso sistema económico.

se não quiseres, não cases, dizem. é então uma questão de liberdade de escolha? mas se eu não me casar não tenho acesso aos mesmos direitos. que escolhas é que eu posso fazer se só posso decidir casar ou não casar? não me parece que haja, sinceramente, grande liberdade, nem grande escolha.

na melhor das hipóteses o casamento ajuda a que alguns privilegiados protejam e aumentem os seus privilégios, mas isso significa que os não-privilegiados não vão ver nenhuma mudança. parece-me que o mais importante é continuar a questionar e a desmontar este sistema enquanto procuramos sobreviver dentro das suas regras imbecis.



Amizade

e é aqui que entramos nós, maria. é aqui que entra esse amor que vai sobrevivendo à volatilidade das nossas monogâmias, que vai sobrevivendo às oscilações do governo, às injustiças sociais e às dificuldades artísticas. alimentamos o nosso amor com o tempo, longe das pressões da espécie. criamos uma irmandade, criamos uma rede que se vai fortalecendo e nos traz alguma paz de espírito, alguma beleza e algum consolo. construímos o que, na verdade, é o conceito ideal de família. pomos em prática esse conceito, sem as pressões da obrigação e o peso do sangue. escolhemo-nos, e isso faz toda a diferença. contribuímos juntos para uma visão mais honesta das nossas vidas, procuramos ir a lugares, dentro de nós, onde talvez não nos arriscaríamos a ir, se não nos soubéssemos à espera um do outro cá fora. damos as mãos, como a thelma e a louise, antes de nos atirmos do penhasco. e acreditamos um no outro. e admiramo-nos um ao outro. somos a garantia da sanidade. compreendemo-nos para além dos limites da razão. e é assim que milímetro a milímetro mudamos o mundo. chamamos a isto amizade. e talvez a amizade seja o amor que mais se aproxima daquele amor que nos é prometido, daquele amor idealizado.

Os Outros

“mas então”, perguntas-me, “e agora, o é que procuras nos outros?” procuro uma certa flexibilidade e um certo inconformismo, de outra forma sinto-me desaproveitado. é imperativo que se reconheça o valor daquilo que se tem por perto e o valor de uma oportunidade. é preciso estar-se atento. num mundo de alienados torna-se difícil privar com quem possua reais qualidades – qualidades que não sejam passageiras, consequência das modas.

porquê a flexibilidade? porque aquilo que é fixo exige dos outros adaptação, mas não faz nenhum movimento para se adaptar também. não há reciprocidade na rigidez, não há criatividade. e sem criatividade o mundo seria ainda apenas um conjunto de cavernas vazias.

porquê o inconformismo? porque sujeitarmo-nos pacientemente às contrariedades da vida é uma obediência covarde de sabe-se lá que leis desconhecidas. é um género de humildade que não suporta. o inconformista põe em causa os hábitos. é um louco. e dar forma às próprias loucuras é a única maneira de escapar às nossas condições de berço, físicas e morais. a normalidade até pode vagarosamente mudar de rumo e regras, mas será sempre rígida, conformada e auto complacente.



é então a loucura que se tem que amar. é uma dádiva se a tivermos sob controlo. é uma dedicatória impagável. a loucura é do domínio do privado, pois é aquilo que se ama. e para amar é preciso tempo, como já vimos. o sexo, isoladamente, é para os burros, para os que conhecem apenas o imediatismo, os que vivem bem à superfície. os ideais de beleza são para aqueles sem talento. e o amor, esse é para aqueles que não temem o abismo. as vertigens são o efeito preferido dos incapazes de amar.

e procuro benignidade. por isso é que nos dizem que *os olhos são o espelho da alma*, porque é através deles que conseguimos ver se há ou não a existência de bondade no outro; porque queremos olhar para os olhos da pessoa que amamos e comprovarmos que ainda há bondade no mundo. se o amor é cego é porque é imbecil.

a minha forma de amar não é, de todo, ideal, e está muito longe de ser perfeita. o que pode ser uma vantagem ou uma desvantagem. ou ainda talvez ambas ao mesmo tempo. perco-me dentro das minhas utopias, as minhas prioridades alteram-se e entram em conflito umas com as outras. é uma forma de amar séria mas volátil. uma das suas características permanentes é a incerteza. é mutante. sou um presente exímio para quem souber apreciar contradições e para quem abominar rotinas. dispenso essa espécie de burocracia emocional do quotidiano – já a conheço, já a vivi.

de acordo com o historiador e filósofo Isaiah Berlin, a minha forma de amar incorpora "um espírito inquieto, que procura violentamente fazer explodir formas antiquadas e restringidas, uma preocupação nervosa com a mudança permanente dos estados interiores de consciência, um desejo pelo ilimitado e pelo indefinível, pelo movimento perpétuo e pela mudança, um esforço para voltar às fontes esquecidas da vida, um esforço apaixonado pela auto-afirmação tanto individual como colectiva, a procura de formas de poder exprimir um desejo insaciável por objectivos inatingíveis."

é uma forma de amar difícil, como todas as outras. mas se fosse fácil, rapidamente perderia o interesse.

procuro o impossível, embora me encorajem a não perder a esperança. o impossível que procuramos existe, simplesmente porque nada do que imaginamos é impossível. pode demorar mais ou menos tempo a concretizar-se, mas os nossos desejos materializam-se sempre. sejam eles corriqueiros ou excepcionais. e é por isso que nos aconselham a termos cuidado com o que desejamos. resta-me então manter a crença e não refutar hipóteses. a esses, aos do futuro, deixo uma nota de encorajamento: surpreendam-me.



Conclusão

maria, amor é acção – quando deixas de agir, é porque deixaste de amar. e eu acredito que ainda tenho forças para agir. não sei de onde vem essa esperança. essa confiança na bondade, na existência dessa bondade futura, maria, não sei de onde vem.

sei que somos praticamente impedidos de imaginar outras formas de amar, que nos fragmentam o corpo e nos matam o desejo. mas eu sempre fui um autodidacta e não quero deixar de tentar viver as minhas utopias. a perfeição não é a norma; um amor virtuoso é uma ilusão dos ingénuos. mais vale romance nenhum do que romance medíocre. e isto, imagino eu, servirá para tudo. deixo escrito nesta carta que vou à procura de um amor experimental, que se baseie noutra tipo de princípios, e que se o encontrar receberás uma outra carta que te confessará todos os seus desastres e todos os seus benefícios.

porque é que me interessa pensar nestas outras possibilidades? porque também no amor devemos ser críticos. porque me parece tão importante saber como é que queremos amar e ser amados como perceber qual é a nossa posição política. porque uma coisa não está desligada da outra. porque também o amor é político.

talvez tenha destruído tudo o que eu sabia sobre o amor ao falar sobre ele, mas é assim que nasce a hipótese de o fazer renascer. não há soluções, há infinitas tentativas para chegar a elas. tentemos colocar-nos no lugar onde estamos, em vez de nos pressionarmos a chegar rapidamente ao sítio onde queremos estar.

dir-nos-ão talvez que somos demasiado racionais ou demasiado sentimentais, ou ainda que não somos totalmente justos. mas eu não sou justo. a justiça não é do domínio do humano. eu sou “parte dessa força que ora deseja o mal, ora pratica o bem”. não estou interessado em pregar uma boa doutrina. agora, acho importante que cada um de nós perceba que há diversas opções para se viver o amor, tal como há diversas opções de se viver a política, e que me parece essencial que pensemos *radicalmente* sobre elas e sobre como é que as queremos nas nossas vidas. sinto que é urgente haver uma consciência crítica em cada decisão que tomamos.

é aqui que me encontro agora. e é a partir de aqui que posso recomeçar. dou-te a mão, passo os olhos pelo horizonte, e salto.

